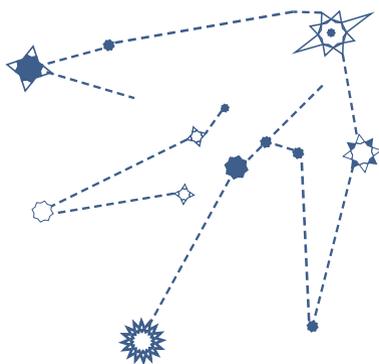
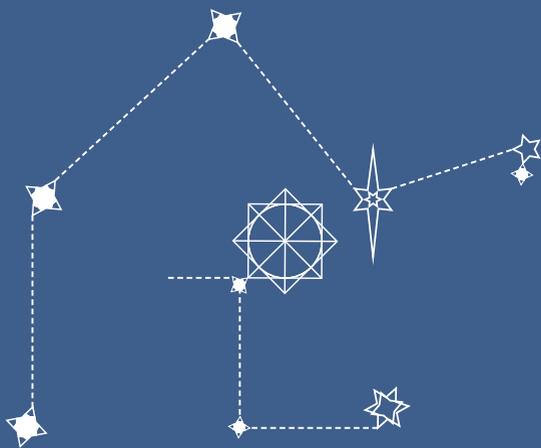


O
R A P A Z
Q U E
N Ã O
S E
T I N H A
Q U I E T O

Rita Taborda Duarte
Ana Ventura



CAMINHO



O MEU MUNDO REDONDO NUM QUADRADO

Gosto de viajar. Mas sou um miúdo pequeno, e os meus pais dizem que os gaiatos não se fizeram para andar por aí a passarinhar de terra em terra como se fossem andorinhas; ou saltimbancos, ou acrobatas, ou arlequins, polichinelos. Se eu fosse um artista de circo, isso sim: nunca havia de estar mais do que três dias em cada lugar e conheceria cada aldeia do meu país e seus arredores. Mas não sou nenhum artista, nem de circo nem de coisa nenhuma: não passo de um catraio miúdo que gosta de viajar, mas que não sai do mesmo sítio. Fiquei mais esperançado quando ouvi à minha professora que a Terra nunca se queda quieta e que percorre quarenta mil quilómetros a rodar sobre si mesma, e mais muitos outros tantos, a rodar em torno do Sol. Por isso, acabo por viajar todos os dias sem o notar; mesmo quando a paisagem à minha volta não muda nunca e se mantém a mesma, sempre; ainda que as estrelas no céu formem bonecos que são persistentemente iguais, às vezes um bocadinho mais desviados para a esquerda, outras para a direita, mas sempre as mesmas ursos de cauda esticada, mãe e filha, numa roda dançada lá tão no alto; o cisne voando imóvel lá tão em cima; aquele M virado do avesso (W), que dizem ser uma letra estrangeira que a minha professora nunca me ensinou e que faz parte de uma constelação de nome estranho que rima com meia, com teia, com Dulcineia, mas que, parecendo mais uma letra do que na verdade um desenho, como devem ser todas as constelações dignas desse nome, nem sequer é feia.

Por isso, mesmo que não note nada, ainda que os meus espaços em volta se mantenham quietos e sossegados, mesmo que ninguém repare, eu vou dizendo de mim para mim, enquanto o tempo nesta minha terra plana vai passando com vagar: — a esta hora já fiz mais de mil e quinhentos quilômetros... agora mais tantos... E ao cair da noite, com milhares de quilômetros percorridos, até me chego a sentir cansado. E quando me disponho a contar espaços e tempos, com contas recontadas à velocidade percorrida, consigo mesmo ficar exausto, como um viajante no final da caminhada. Tudo, porque eu gosto de viajar. Eu gosto mesmo de viajar, ainda que nunca tenha deixado esta minha terra de palmo e meio de província, ainda que só tenha permissão para sair dos dois mil metros quadrados de quintal que pertencem aos meus pais, para ir até à escola que fica já ali, pertinho do largo. Dito desta maneira, dois mil metros quadrados, até parece que detenho um espaço quase infinito de domínio, como se tivesse a meu jugo todo um pequeno reino a perder-se num horizonte remoto, uma coutada real pronta a ser desbravada em cavalgadas valentes atrás de veados e animais de grande porte. Mas não, nada disso: dois mil metros quadrados é coisa muito pouca; e, apesar de parecer um quadrado, é um retangulozito atarracado, com cinquenta metros de um lado e uns miseráveis quarenta metros de um outro. Um gigante dos pequenitos podia facilmente percorrê-lo em meia passada; mas um gigante à séria, daqueles que papam sete léguas duma vezada, se tivesse a impiedade de passar por cá pelos meus lados, era capaz de dizimar este meu quintalório mais os seus faustosos dois mil metros quadrados com uma pisadela só do tacão da botifarra.

Eu... gosto de viajar. Eu gostava era de viajar. Mas ninguém pode sonhar que viaja num ínfimo espaçoide que ainda para mais é quadrado. Se os quadrados pudessem andar seria esse o formato das rodas. E é com certeza por alguma razão que os planetas, que nunca se têm quietos, nem mesmo os mais pequeninos, são sempre redondos: jamais se viu, em todas as galáxias dos universos, um planeta, digno de seu nome, ter a forma de um paralelepípedo.

Foi mesmo mesmo só por esta razão de eu teimar em gostar de viajar, sem nunca o poder na realidade fazer, que sulquei a fundo, nestes meus imóveis dois mil metros quadrados, uma circunferência de 125 metros de perímetro. Todos me disseram:

– *Que tolo que és... não vês que o teu território fica mais pequeno, que lhe roubas uns tantos mais tantos metros quadrados em cada canto?*

Ora, como toda a gente sabe, desde que tenha um pingo de juízo e uma nesga de espírito de observação, tal é um absurdo, porque, como qualquer pessoa pode comprovar, os quatro cantos são triângulos e nunca nunca quadrados. Mas, a verdade é que as criaturas deste mundo, à custa de viverem em sítios quadrangulares

as casas são quadradas, os terrenos são quadrados, os prédios são quadrados com janelas quadradas

passam a ver tudo aos quadradinhos e muitas vezes, quase sempre, ficam também elas quadradas. Se eu desenhar um círculo no meu território, a verdade verdadeira é que seguindo a linha do seu limite nunca lhe chego ao fim, e posso dar voltas e voltas e revoltas, que nunca sei onde começo, nem quando acabo, e rodo e rodo rodando e nada me impede a passagem, nada me barra o caminho.

E se eu me esforçar ainda e, em vez de pensar no gigante papa léguas, pensar no tempo que leva um caracol dos mais miúdos, ainda que esforçado, a percorrer o meu quintal redondo, então, fechando os olhos, como se fosse sonhar, não como se fosse dormir, então, a verdade é que tenho, de facto, o mundo a meus pés, e percorro, à boleia do pé rastejante duma caracoleta pequena, os muitos e mais tantos quilómetros por dia, como se fosse o viajante mais calejado.

